

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

A VOCAÇÃO DO FERNANDINHO

Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. CASTANÊ

ERA dia de parada na Avenida.

O Fernandinho, entusiasmado, ao ver tantos regimentos de soldados com as suas fardas vistosas, disse-me resoluto:

— «Que vida tão reinadia deve ter um soldado! Eu, também, hei-de ser da tropa. Quero vestir uma farda, assim, linda, cheia de galões e doirados, ter uma espada brilhante, um cavalo para passear.»

— «Tudo isso é muito bonito, amigo Fernandinho! — Tu pensas que os soldados não têm mais nada que fazer senão passear?!...»

— «Pois sim!... Mas passam vida divertida! Sempre a ouvirem o taratá-tá-tá das cornetas...» —

— «Que os fazem andar a *nove!*»

— Já lhe disse, Anãozinho, que o meu gosto era ser soldado! Entrar em guerras, em combates!...» —

— «Então, vamos fazer uma combinação! Amanhã vais experimentar a vida de soldado. Queres?» —

Encantado com esta ideia, o Fernandinho via-se já general em chefe de muitos batalhões e aceitou a minha proposta, cheio de entusiasmo.

— «Taratá-tá-tá! Taratá-tá-tá!...»

— «Que diabo de barulho é este?!» — exclama o meu amiguinho, sentando-se na cama, alvoroçado. Era eu que, à porta do seu quarto, tocava uma corneta com toda a força.

Habitado a ser acordado, de mansinho, pelos beijos da mãe, o Fernandinho fica furioso com aquela música infernal.

— «Porque me acordam tão cedo?» — exclama, ao ver, em roda, tudo às escuras.

— «Cinco horas da manhã é o toque da alvorada, para os soldados se levantarem.» — Digo-lhe, autoritário.

Fernandinho, muito embatucado, gagueja:

— «Se é assim que os soldados acordam... a Conceição que me venha vestir.» — remata, resignado.

(Continua na página 4)



DEDOS DESORDEIROS

Por LAURA CHAVES

A senhora mão direita era mãe de cinco filhos e vivia contrafeita, sempre em constantes sarilhos, porque os dedos, seus meninos, não se davam nada bem, eram tolos, os mofinos, ralavam a pobre mãe.

O mais velho, atarracado, o menino polegar: um pateta enfatuado, passava a vida a ralar.

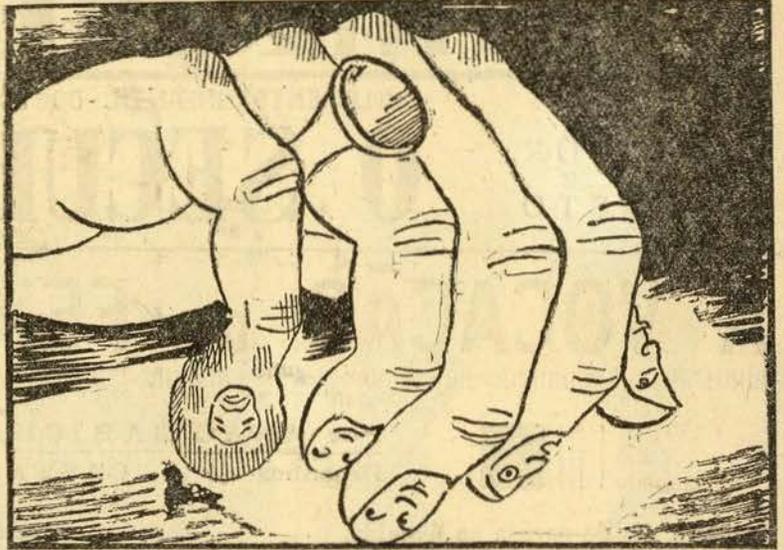
O indicador, pelos modos, mostrava-se inconveniente, apontando tudo e todos muito malcriadamente.

O mais alto, o dedo médio, era estúpido e ruim. Não havia outro remédio... Tinham de o *grammar* assim.

O anelar dava leis, um toleirão imodesto. Por ser rico, usar anéis, tratava os outros de resto.

O mais pequeno, o meiminho, se havia rixas das bravas, era o seu *arre-burrinho*, só ele pagava as favas.

Mas, quando havia trabalhos, coisas sérias a agarrar, e a mãe, à força de ralhos, os fazia trabalhar,



era o meiminho, o pequeno, que mostrava mais valor na faina calmo e sereno, trabalhava com ardor.

O médio que se diz pai dos outros, como é sabido, gritava: — Ai, ai, ai, ai, ai, que trabalho aborrecido!

Depois, punha-se a insultar o mais velho, abrindo os olhos, a quem chegava a chamar o mano mata-piolhos.

Faziam vida medonha, sempre em constante questão.

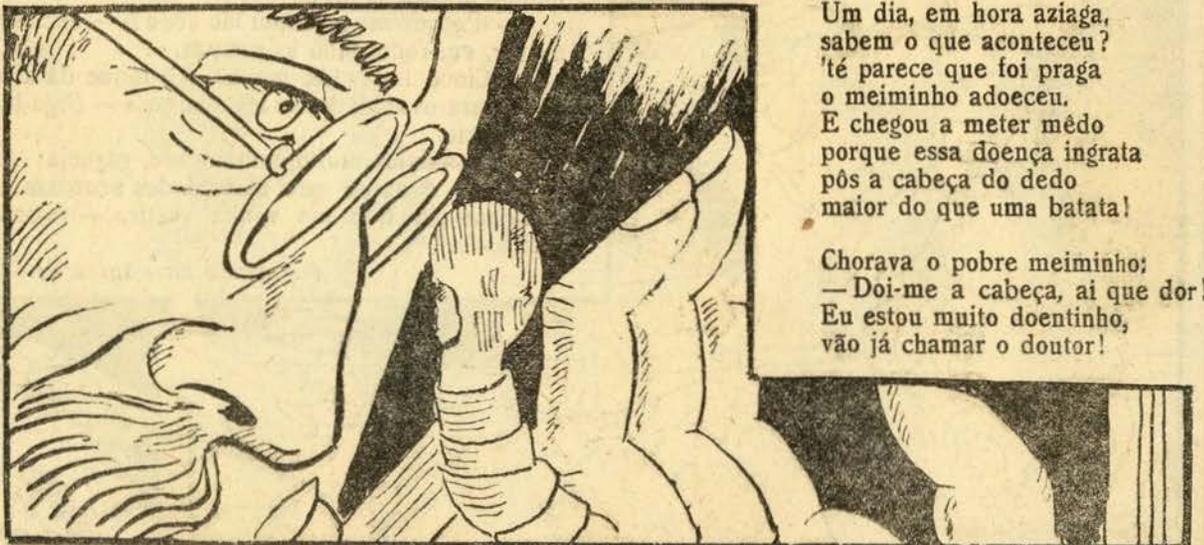
Que vexame e que vergonha para a desditosa mão!

O meiminho, como disse, trabalhava com critério, fugindo da mandriíce, tomando o trabalho a sério. Troçavam dêle, em voz alta, os outros, dizendo assim: — Ninguém lhe sentia a falta se morresse êste alfenim.

Que miúdos tão pedantes são êsses dedos meiminhos! Nós temos forças bastantes para trabalhar sôzinhos.

Um dia, em hora aziaga, sabem o que aconteceu? 'té parece que foi praga o meiminho adoeceu. E chegou a meter medo porque essa doença ingrata pôs a cabeça do dedo maior do que uma batata!

Chorava o pobre meiminho: — Doi-me a cabeça, ai que dor! Eu estou muito doentinho, vão já chamar o doutor!



OS ESCOTEIROS

■ ■ ■ POR MANUEL FERREIRA ■ ■ ■

ANTONINHO estava à janela na sua casinha dos arredores de Lisboa. Em dada altura, voltou-se e gritou:

— «Mamã, mamã, que vontade de rir! Olhe para aqueles rapazes, já quasi uns homens, de calção curto, lenço ao pescoço e chapéu tão grande! O que quer dizer aquilo, mamã?»

D. Maria, entretida nos seus trabalhos de costura, levantou-se complacente e assomou à janela. Na rua, correctos e disciplinados, alguns escoteiros regressavam dum acampamento, alegres e satisfeitos. Grandes mochilas às costas, uma bandeira colorida numa vara, e os rapazes lá seguiam conversando entusiasmados sobre o passeio. D. Maria, que seguira atenta a marcha dos escoteiros, retorquiu:

— «São escoteiros! O que é que te dá vontade de rir?»

— «O fato... — replicou Antoninho. — Para que são aqueles calções curtos, o lenço no pescoço, aquele pau? Porque é que o chapéu é tão grande? O que é que eles fazem?»

A mãe do pequeno, respondeu-lhe:

— «Ser escoteiro é ter uma das mais bonitas ocupações. Os escoteiros vivem ao ar livre, no



campo, conhecem as plantas e os animais úteis e venenosos. Sabem fazer os seus alimentos, orientam-se de dia pelo sol e de noite pelas estrelas. Armam as suas barracas, onde passam as noites de verão, ouvindo cantar as cigarras ao desafio. Admiram as paisagens, correm pelos campos, e, com o auxílio de cordas, trepam aos rochedos. Sabem nadar e auxiliam o seu semelhante em perigo. Adoram Portugal, conhecem a sua história e a sua corografia. Têm uma lei que lhes diz que devem ser bons, valentes, respeitadores e económicos.»

— «Bem — interrompeu o Antoninho, — mas para que é aquele fato tão exquisto?»

— «O calção — continuou D. Maria, pacientemente — deve ser curto para poderem subir mais facilmente a uma árvore, para correrem, para saltarem com mais ligeireza. O lenço serve de ligadura para um ferimento. O pau serve para armar as tendas e para, com os lenços, fazerem macas ou camas de campanha, e o chapéu para proteger os rapazes dos raios do sol. Já vês que tudo tem aplicação!...»

Antoninho ouviu, em silêncio, as palavras da mãe. E, dentro de poucos dias, foi inscrever o seu nome num grupo de escoteiros.



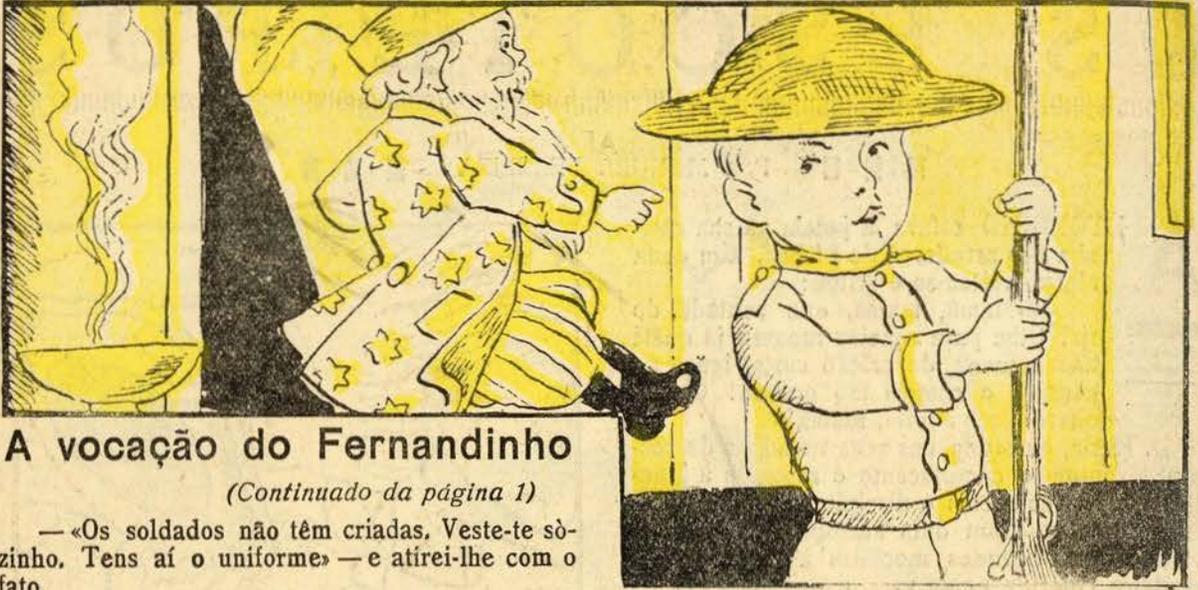
O anelar chega-lhe às cegas, pois grande raiva o impele, e diz: — Vai ver o piégas como trabalham com êle.

Veio o doutor Aparício, homem de grande sabença, disse que era um paranício, uma terrível doença.

Tão mal o doutor o acha que o meteu em algodão, pôs-lhe capa de borracha, depois envolveu a mão numa grande ligadura, obrigando, de repente, todos à mesma clausura, tanto os sãos como o doente.

E quando o médico, um dia, acabada essa infecção lhes deu carta de alforria, os dedos viram-se então iguaizinhos na aparência, todos magros e chupados, sentindo a mesma indolência,

— (Continua na página 5)



A vocação do Fernandinho

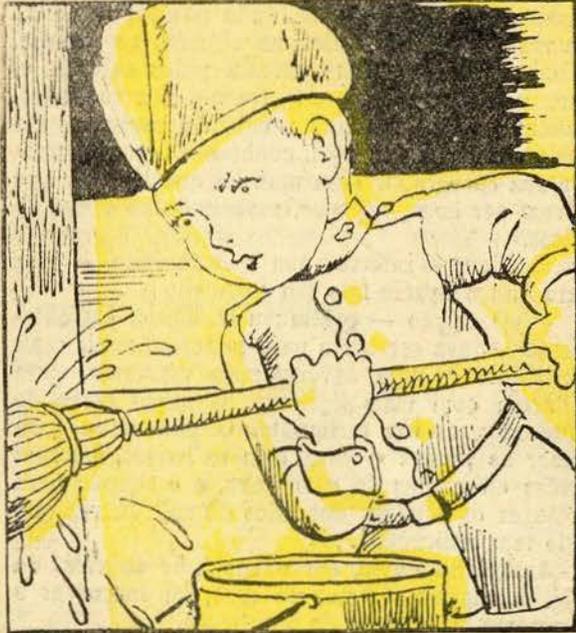
(Continuado da página 1)

— «Os soldados não têm criadas. Veste-te sozinho. Tens aí o uniforme» — e atirei-lhe com o fato.

A alegria de se ver fardado, dá-lhe coragem. — «Mas o que querem dizer estas calças sujas, tão largas que parecem feitas para um elefante? — (exclama zangado). — Eu quero ser um militar a valer, com um boné com doirados, muitos galões na manga, uma grande espada e medalhas ao peito.»

— «Antes de chegares a oficial, tens de ser soldado». — Tornei, cheio de autoridade.

Mal humorado, o Fernandinho começou a ar-



ranjar-se, mas assim que meteu as mãos na água, berrou:

— «Dêem-me água quente!»

— «Os soldados não têm disso! E escusas de falar mais, porque só tens um quarto de hora para te vestires, fazeres a cama e almoçares.»

A tôda a pressa, com a ideia do bom chocolate e torradas, o pequeno lá se vestiu e fez a cama, conforme poude.

Ao dar com os olhos no que estava sobre a mesa, ficou estarrecido.

Só tinha diante de si uma tijela com café.

— «Este é o mata-bicho dos soldados». — expliquei-lhe, com ar de troça.

Enfiado, o Fernandinho já nada respondeu, bebendo a droga, sem pestanejar.

— «Agora, vamos ao serviço. Pega nesse balde e nessa vassoura. Vais fazer a limpeza do pátio».

— «Eu!?» — exclamou o rapaz, revoltado.

— «E' assim que os soldados limpam os dos quartéis».

O Fernandinho não teve mais remédio, senão limpar, assim, o pátio, visto que nos quartéis...

Ainda estafado da última varredela, já eu lhe gritava: — «Chegou a hora do exercício.» —

— «Então, vou de espingarda?»

— «Ainda tu não sabes marchar!» —

E, durante uma hora, comandei, fazendo a minha voz fina, o mais gróssa que podia: «Um, dois, um, dois...» — enquanto o Fernandinho marchava, sem descanso, e mal tentava pedir misericórdia, logo eu o intimava: — «Silêncio! Um soldado, na forma, não abre bico.»

Quando acabou o exercício, ordenei-lhe, mostrando-lhe uma lata de pacotes:

— «Agora, carrega com essas cousas.»

Cada vez mais horrorizado, o pequeno disse numa voz trémula:

— «Isso pesa muito...»

Impassível, tornei:

— «Ainda tens de levar a espingarda. Vamos dar, assim, um passeiozinho. São quási nove horas. Andamos até às catorze, ao sol, para te habituares...»

— «E o almoço?» — perguntou o Fernandinho, aflito.

— «Almoças às catorze. Depois aprenderás a pegar na espingarda e a apresentar armas, até às seis. Em seguida ao jantar...»

— «Vou deitar-me?»

(Continua na página 7)

O CESTINHO da COSTURA

◆ ◆ SECCAO PARA MENINAS ◆ ◆

POR ABELHA MESTRA

Querida Inês:

Não me disseste, na cartinha que me escreveste, a tua idade, mas adivinho que ainda és muito pequena e, por isso, queres um trabalho muito fácil para pintar!

Também não me disseste como gostarias mais da almofada; contudo vai o desenho à minha escôlha, sem saber se te agradará ou não.

Arranjas um bocado de pano, cru, forte e, sobre êle, é que vais fazer o trabalho.

Esse passarinho que vês a cantar, vais pintá-lo em amarelinho claro e dás-lhe umas pinceladas brancas e castanhas.

O bico e os pés são pretos. Para as folhas, escolhes um verde seco e dás-lhe, no meio, um tom mais escuro. Os troncos são castanhos.

Quando tiveres a pintura acabada e bem sêca, vais, então, armar a almofada. Cortas uma rodela do mesmo pano cru e igual à que cortaste para pintar.

Depois coses as duas pelo lado do avêssô, deixando por coser só

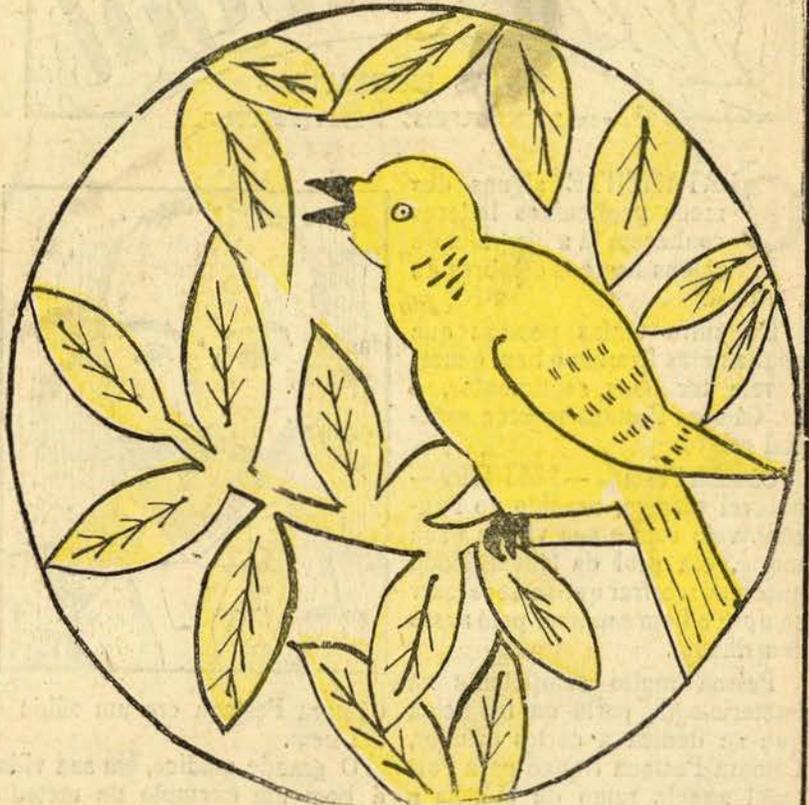
o espaço preciso para poder voltar o trabalho do direito. Enches, então, com sumauíma e depois acabas de coser com um ponto disfarçado.

Para terminar, pões um cordão

a tôda a volta ou uma tranjinha de lã preta, o que ainda é mais bonito.

Recebe um abraço da,

Abelha Mestre



DEDOS DESORDEIROS

(Continuação da página 3)

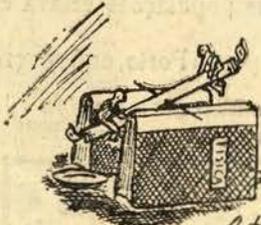
tão débeis, tão engelhadados que trataram de se unir todos cinco no labor sem nunca mais discutir quem tinha maior valor; e viram quanto era falho o seu toldado bestunto pois não há melhor trabalho do que o trabalho em conjunto.

Tem conceito educativo e é esta a sua moral: «O trabalho colectivo vence o individual.»

ARRE, BURRINHO!

Vou-lhes ensinar como se faz duma vela um engraçado baloço que se move por si próprio.

Com um arame previamente aquecido na chama dum candieiro atravessa-se, justamente pela metade do



seu comprimento, uma vela de estearina em que se tenha raspado a parte inferior, de modo a fazer aparecer o pavio.

Coloca-se, em seguida, a vela sobre dois suportes — dois livros por exemplo — cujo ponto de apoio é o arame

que se atravessa. Dois bonecos de cartão recortados num bilhete de visita e 2 pires, colocados, respectivamente, na parte superior e inferior a ambas as extremidades da vela, completam o engraçado baloço.

Basta agora acendê-la nos dois pontos indicados e esperar pelo resultado: assim que a primeira gota de estearina se desprende duma das suas extremidades, a vela inclina-se para o lado oposto e, assim sucessivamente, consoante o desprendimento de gotas dum ou doutro lado.

Os pires são destinados a receber essas gotas de estearina.

A NECDOTA

Recetando certo médico a um saloio doente umas pilulas, o saloio tomou uma e guardou as outras, não querendo tomá-las. O médico veio, e perguntando a razão porque não continuava a tomar as pilulas, teve esta resposta do saloio: «Porque ainda estão muito verdes. Amargam muito e quero deixá-las amadurecer.»

GRANDES DE PORTUGAL PARA OS MENINOS COLORIREM

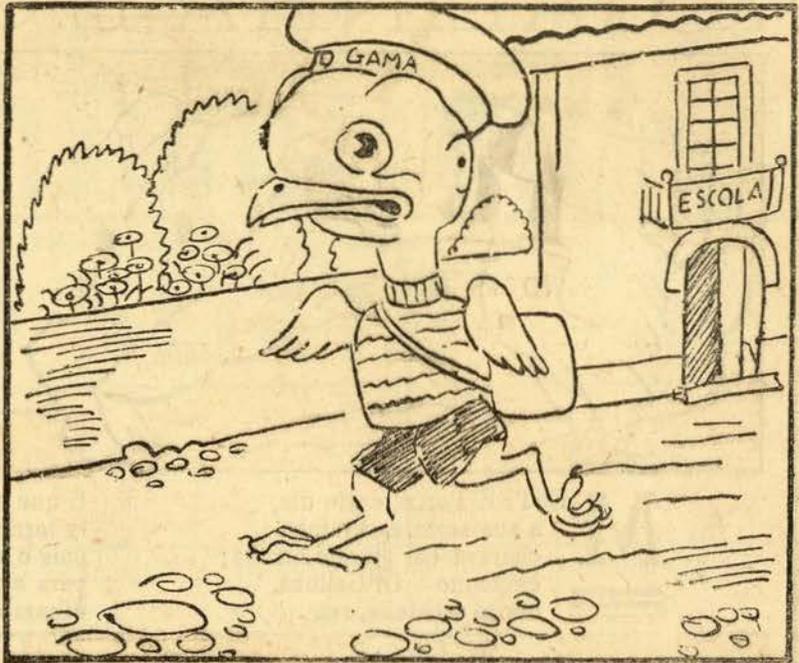
(Continuação da página)

uma acção admirável, dia e noite, sem descanso do corpo nem do espírito. Vence.

A doença terrível abandona o Porto. E Câmara Pestana morre no seu posto, manifestando os sentimentos mais belos. Morreu, como vivera, dedicado ao seu semelhante e procurando levantar o prestígio do nosso querido Portugal.

Não vos enfado mais, meus meninos. Aqui vos fica este episódio da História de Portugal, o 1.º duma série que eu tenciono contar-vos. Meditai bem nele e vêde que a nossa História é toda ela uma sucessão de factos que a tornam a mais linda História de mundo.

■ ■ F I M ■ ■



A VOCAÇÃO DO FERNANDINHO

(Continuação da página 4)

— «Qual! Vais mas é fazer sentinela até à meia noite.»

— «Eu tenho medo.»

Estou tão cansado!... — gemeu, numa vozinha trémula.

— «Um soldado não se cansa.»

Fernandinho reflectiu um pedaço.

— «Então os soldados nunca se batem?»

— «Só se batem depois de, durante muito tempo, fazerem todos os dias o que te estou obrigando a fazer hoje.»

— «Todos os dias!? (atalhou, o pobre pequeno já cheio de soluços). — Parece-me, Anãozinho, que

não é esta, afinal, a minha vocação... Não tenho jeito para ser militar todos os dias...»

Eu, então, muito sorridente, falei-lhe assim:

— «E' preciso não desanimares! Mais tarde, poderás vir a ser um bravo soldado, quando tiveres idade de compreender o que deves à tua Pátria e força e coragem para a servir. Mas, enquanto não chega esse tempo e como ainda não acertaste com a tua vocação, vai dar um beijo à tua Mãzinha que tanto se tem ralado com a lição que eu te dei hoje! Lembra-te sempre: reflecte bem, primeiro que tomes qualquer resolução!»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

O Nosso Concurso: — UMA VILA COMPLETA

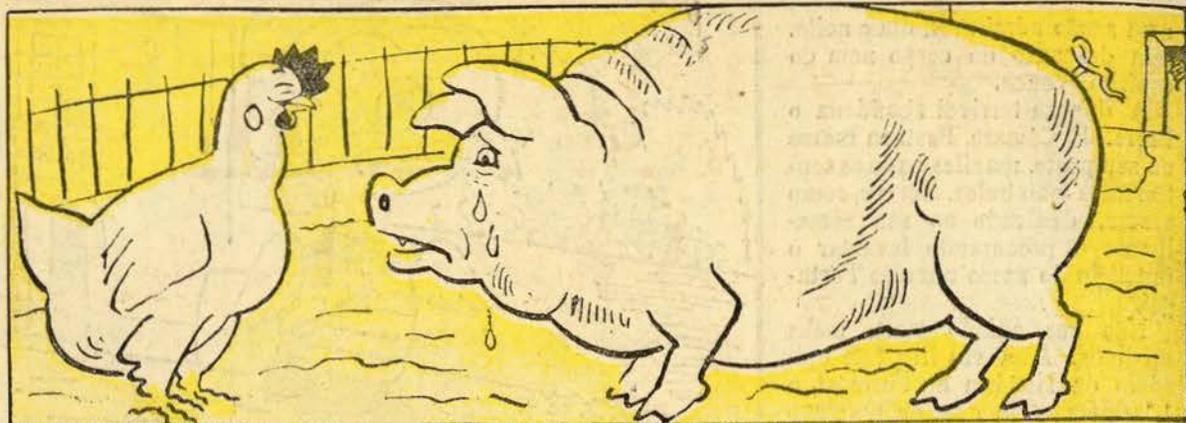
Terminando amanhã o prazo para entrega de provas do nosso grande concurso, avisamos os pequeninos concorrentes de que, por estes dias, deve reunir o júri para apreciação e classificação de trabalhos.

No próximo número publicaremos a lista dos premiados. Entretanto acusamos a recepção de provas de mais os seguintes concorrentes:

Maria Alice Morada Braga
João do Nascimento Corujo
José da Paz Eica
Carlos Manuel Teixeira de Castro
João Lança Pancada
Maria da Natividade Perdigão Vilhena Capêta

Manuel de Sousa
Fernando Alves da Cruz
Manuel José de Oliveira Nogueira
Maria da Conceição Gouveia Guerreiro
Maria Celeste Guerreiro Lima
Maria Fátima Palmela F. da Cunha
Maria Luiza Fernandes
Alvaro Palmela Ferreira da Cunha
Maria Lucia Palmela Paixão
Candido Freire Colaço
Fernando Rodrigues de Oliveira
Maria da Conceição Serra e França
Carlos Alberto Coias Fonseca
Guilherme Salgueiro Vicente
Maria Tereza Guerreiro França
Lénia Perdigão Vilhena Capêta
Alberto Antunes Martins

A GALINHA E O PORCO



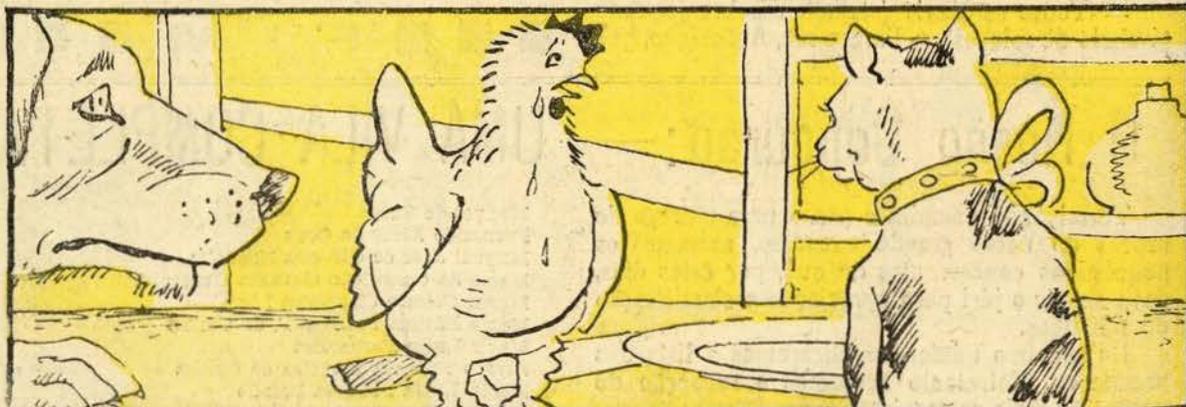
MESTRE Porco, certo dia, a sua sorte mesquinha chorava em grande arrelia; enquanto a D. Galinha, muito satisfeita, ria.

É que o dono — (estão a ver?) — ia torná-lo um defunto, pois o mandara abater para o tornar em presunto e com ovos o comer.



A' galinha os ovos pôr, não lhe causava arrelia, por isso, com belo humor, a galinha ria, ria, sem sentir a alheia dôr.

Mas, umas horas depois, aparece a cozinheira e leva os nossos heróis para o pé da frigideira, dando a mesma sorte aos dois.



— «Porque me matam, pergunto?
— (ao gatinho e ao cão da casa, interroga o seu bestunto:) — se da minha perna ou asa não podem fazer presunto?!»

Volvem, nisto, o gato e o cão:
— «Não! Mas podem fazer canja!»
E eis dêste conto a lição:
Quem ri dos tristes, arranja sorte igual por sua mão.